

A IMAGEM DO SOL

FELIZMENTE NASCIDO NA MAYOR
das Esferas Lusitanas, & obsequiosamente cele-
brado na melhor parte do mundo,

CONSTRUIDA

NO VENTUROSO, E REGIO NASCIMENTO DO
*myto alto, & Serenissimo Principe, Herdeiro, & Successor dos
Reynos de Portugal,*

SEGUNDO GENITO
DAS MAGESTADES DE

D. JOAÕ V.

NO NOME, E NAS VIRTUDES PRIMEIRO,

E D E

D. MARIANNA DE AUSTRIA,

LUMINOSO, E BEM NASCIDO SOL A' PERSPICACIA
das Aguias do Imperio;

OFFERECIDA A SENHORA

D. MARIA FRANCISCA CLARA JULIANA DE PISTORIM

P O R

Fr. ANTONIO DE SAM CAETANO,

*da Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho,
natural de Santarem.*

L I S B O A.

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAÕ.



A' SENHORA

D. MARIA FRANCISCA
Clara Juliana de Pistorim.



O Engraçado concurso das fabulosas Graças dedicavaõ os apaixonados no nascimento do Amor o melhor dos seus obsequios, sem mais razaõ, que o privilegio de embanarem o Berço de Cupido. Isto que no nascimento do Amor se via celebrado, he hoje com melhor ventura glorioso assumpto do mais fecundo, sabio, & perspicaz engenbo, no feliz parto da Augustissima Rainha nossa Senhora, & na fiel estimaçãõ dos Portuguezes vassallos. Bem pudera eu dizer, que da melhor Venus se vè hoje nascido o melhor Amor; mas seria da idea indisculpavel arrojõ, porque os Principes sò com a magestade do Sol tem comparaçãõ, & era cegueira errar com tanta luz a pintura. O que supposto, justamente da minha Musa o grosseiro pincel se atreveo a tanto, & sae hoje com esta Imagem a buscar nas mãos de V. S. a melhor moldura; senãõ he que pertende o seu amparo

lembrado de que não he novo no Sol padecer eclipses,
para agora com o seu patrocínio se eximir das som-
bras. He V. S. huma das tres Graças roubada no Paiz
de Alemanha, & conduzida para o de Portugal na
Regia companhia da Rainha nossa Senhora, porque
foy glorioso timbre da sua Magestade trazer comigo
o precioso do seu Imperio, para melhor enriquecer o
mundo; & sendo assim, tem justo fundamento o meu ob-
sequio de pôr nas mãos de V. S. este retrato, como cousa
tão digna do seu affecto, & amoroso exercicio na sua
Real Camera; juntamente porque se V. S. ausentando-
se desse Palacio por causa do seu desposorio, ha de so-
frer a saudade de hum Filho, a cuja Mãe deve o me-
lhor amor, bem he que para o seu alivio ache em toda
a parte huma copia. Eu quizera que esta o fosse tão
verdadeira na forma, como o foy do meu desejo, mas
nem pelo não ser perderà a estimaçãõ, porque quan-
do os engenhosos quadros se não honram pela pintura,
ao menos se não desprezaõ pela idea. Esta não pôde
ser mais soberana; assim a pôde V. S. aceitar, relevan-
do a minha confiança, porque desejara em mayores
sacrificios mostrar o muyto que he devido às sobera-
nas protecçoens de V. S. que Deos guarde. Lisboa 23.
de Outubro 1712.

De V. S. o mais fiel Criado

Fr. Antonio de S. Caetano.



SEJAIS Muy bem nascido,
 Augusto Sol, Planeta esclarecido,
 Ha muyto suspirado,
 Das espheras de Amor Astro encarnado:
 Sejais muy bem chegado,
 Principe venturoso,
 Para seres no mundo
 Do primeiro esplendor rayo segundo,
 Para illustrar ditoso
 Dos vossos Ascendentes
 O nome sempre altivo, & generoso,
 Que lhe deraõ virtudes excellentes.
 Para bem vossos olhos refulgentes,
 Honra do mesmo Ceo, gloria do dia,
 Discorraõ na Paterna Monarchia,
 Porque sendo dotados
 Do antigo luzimento,
 De tantos esplendores coroados,
 Façais da terra hum novo Firmamento;
 Porque he proprio do Sol sem mais ensayos,
 Cos mesmos valles repartir os rayos.

Nome de Amor à vossa Alteza dera,
 Se mo não estoryàra

A luz primeira, que da vossa esphera,
 Antes que vòs sahisseis, nasceo clara;
 A razã não se ignora,
 Que he primeiro que o Sol a luz da Aurora.

Claro se vê agora,
 Porque depois de vossa Irmãa nascida,
 Se vio manifestada
 Em vòs do Sol a sempre inexcedida
 Copia da luz, das luzes respeitada.

Oh quanto sublimada
 Se vê hoje da Lusa gente a gloria
 No vosso nascimento!
 Que alegre se percebe este Emispherio
 Com tão alto portento,
 Com tão grande ventura,
 Em forma que parece que do Imperio
 Já vem beber as Aguias a luz pura,
 Que vibraõ vossos olhos,
 Não sem grande razã, não sem mysterio,
 Nos ricos copos da pueril brandura!

Que altivamente ufanos
 Hoje vejo os vassallos Lusitanos,
 Porque na vossa vinda, & vosso amparo,
 O seu gosto, & seu bem se vê muy claro!
 Porque he pensã das luzes do Sol bellas,
 Fazer brilhante a casa das Estrellas,
 E ainda as mais superiores
 Não brilhaõ sem favor dos seus fulgores.

Que alegres imagino

Nessas margens do Tejo cristalino,

Hoje em doces applausos occupadas,

As Nymphas celebradas,

Cujo recreyo às ondas opportuno,

He de vosso vassallo o Deos Neptuno

verdadeiro final de que vos ama

Nos imperios do amor, na voz da fama!

Que contentes prevejo

Nas mãos do amor, nos braços do desejo,

O applauso imperceptivel para o metro

De quantas com rendidas puridades

De vosso Pay governa o illustre Sceptro,

Pompofas Villas, & gentis Cidades!

Que ufanas olho as luzes,

Filhas do fogo, em vosso obsequio acezas,

Delpindo os tristes, & fataes capuzes,

Em que a verde esperança as tinha prezas,

E agora por emprezas

Do vosso amor, & augusta galhardia,

Formando hum novo dia,

Vaõ mostrando com gloria reverente,

Que assim vossa grandeza suspirada

Se verà sempre ardente,

Viva no peito, na alma eternizada!

Grande fortuna alcança o Reyno vosso,

Para susto da inveja, & gosto nosso,

Neste alvitre jucundo,

Regio interesse aos ambitos do mundo.
 Oh como agora entendo,
 Que essa luz nas virtudes sempre ardendo,
 Provocando util guerra,
 Se a luz do Sol a mais gentil desterra,
 Ajudada daquella força antiga
 Dos vossos Descendentes,
 Desbarate a inimiga
 Das Mauritanas gentes,
 E que os gostos não tardem
 De se ver consumidas
 As tres mil luzes, que obsequiosas ardem
 Na tumba de Mafoma presumidas!

Do Ceo parece foy, como se infere,
 Este parto ditoso,
 Por muytas circumstancias venturoso
 Oh quem me dera agora
 Do Tracio Cisne a penna mais canorá,
 Que eu fio que com ella
 Com mais lustre cantara
 De successão taõ bella
 A Regia idea, a elevação preclara!

Quem me dera, Senhor, hoje no berço
 Trazer-vos à memoria
 O lustre de tam Regios, tam gigantes
 Astros, que da Materna excella gloria
 O mundo acclama Soes, a fama Atlantes!
 Verieis com enleyo

De quanto resplendor, quanta ventura
 Vosso encarnado Sangue se vê cheyo;
 Verieis se huma copia, huma pintura
 Das Coroas fizesse,
 Como excedia ao numero das luzes,
 Que na azul Monarchia resplandece:
 Verieis se huma linha
 A's virtudes lançasse
 Daquelles a quem curto o mundo vinha,
 Da vossa Casa eternos resplandores,
 Como impossivel era que a igualasse
 O Rey, que illustra ao Ceo, & anima as flores.
 Quem me dera mostrar-vos
 Das cinco Casas mais que as do Sol bellas,
 Que hoje vem coroar-vos
 As Regias luzes, as futis Estrellas!
 Quem me dera da Casa Palatina,
 E Bavarica Casa,
 De vossa Mãy delicia peregrina,
 Mostrar o luzimento!
 Verieis com discreto fundamento,
 Que naturaes desmayos
 Tinha a graça da Lua ao ver seus rayos.
 Se de Langravia, de Haffia, & de Saxonia
 Os lustres descobrira,
 Sem conto os Sceptros vosso espanto vira:
 Pois da Austriaca Casa quem não pasma
 De ver Emperadores

Mais que quantas no Abril se contaõ flores:

Descubra Carlos Magno

Deste thesouro o lustre soberano,

Mas effe he muy antigo, não consinto,

Falle o pasmo do mundo Carlos Quinto.

Que clarim da volante

Deosa que o ar passa,

Não treme, & não se porta delirante

Nas acçoens generosas

De hum Volfang, que ao mundo eterno enlea

Em virtudes famosas,

Mais fecundo que o Cofre de Amalthea?

Que marmore nos Templos

Da memoria duravel

Não divulga o primor, não clama exemplos

Daquelle incomparavel

Excelso Bipontino,

Diamante do Thesouro Palatino,

Que em marciaes emprezas,

Para fazer feliz de Daphne a Rama,

Mereceo que em obsequio seu ficassem

Perpetuamente acezas,

Com indulto que nunca se apagassem,

Sem conto as luzes nos brandoens da fama?

Que bronze não pregoa

De Fernando Primeiro

O Regio alento, o espirito guerreiro,

Cuja digna Coroa,

Com força Regia, & com fervor augusto,
Era de Marte horror, de Achilles susto;

Que trompa não divulga
Do Regio Ludovico,
Na vossa illustre Casa Astro muy rico,
A gloria de quem julga
Com duvidas no acerto,
Em que brilhava mais, se na pureza,
Ou nos Regios alentos da grandeza?

Que candido alabastro
Ha que não participe
Dos assumptos que à fama
Deu Guilhelmô Philippe,
Cujo supremo Astro,
Com acçoens meritorias,
Aos Imperios do mundo rouba as glorias?

Que cristal trãsparente
Das Aguias de Rodolfo
Não estampa o valente,
Se essa effigie plumante
Perpetua o rubi, honra o diamante?
Oh quanto a seu affecto lhe he devido,
Do Luso alento em brados repetido!

Que arvore a mais fecunda,
Mostrou em fruto, & flores
De Abril os sempre celebres primores,
Mais do que esta que inunda,
Para invejosa guerra,

A largueza dos ambitos da terra.

Do pacifico Joaõ, Duque de Cleves,
 Que pòrfidos supremos
 Não clamaõ à memoria,
 Se em dura estampa lemos,
 Depois da fama nos concentos leves,
 Que foraõ na virtude os seus extremos,
 Difficultoso assumpto à docta historia?
 Já, ò Principe augusto, me arrependo
 De vos ter comparado

Aos imperios do Sol, porque estou vendo,
 Que he vosso resplendor mais dilatado.

Quem não vê que a ambição das Aguias Regias,
 desprezando do Sol a luz ardente,
 Com fadigas egregias,
 Cà do nosso Emispherio,
 Suspendèraõ seu voo diligente,
 Por acharem sutis no vosso Imperio,
 Mais luminoso Sol, luz mais decente?

Mas nada disse ainda,
 Que dos vossos Reaes Progenitores,
 Qualquer delles com sabia, & gentil traça,
 Excede na virtude, & resplandores
 Desse mesmo Planeta a luz, & graça.

Com nenhum se compara na grandeza
 Hoje o lustre da Esphera Portugueza,
 Porque ou se busque a gloria,
 Para illustrallo na imperial historia;

Ou da Lufa, suprema Monarchia,
 A Regia galhardia,
 Taõ iguaes se veraõ, taõ semelhantes,
 Que se não faberà com facil trato,
 Quando seu esplendor se admire junto,
 Se he de Portugal o Imperio extrato,
 Ou se do Imperio Portugal transumpto.

Grande gloria he por certo esta ventura
 Para aquelle Monarcha verdadeiro
 Primeiro Affonso, & em tudo o mais primeiro,
 Por ver que vai chegando
 O tempo de comprirse o vaticinio
 De ter hum Rey de Portugal o mando
 Em tudo quanto os falsos tem dominio.

Grande gloria tambem resulta áquelles,
 Que Astros supremos brilhão no alto Imperio;
 Da vossa Prole, porque chega a elles
 Parte do lustre deste tal mysterio.

Diga-o no assento etherio,
 Com clamor sempre exacto,
 Leopoldo vosso Avò, vòs seu retrato;
 Mas não quero do vosso nascimento,
 Que as lagrimas agora despertando-o,
 Visitem seu glorioso monumento,
 Porque he justo lembrarvos
 Os que em vossa Paterna descendencia,
 Para o pranto enxugarvos,
 Ornou Deos de Justiça, Amor, Prudência;

Sirvaõ no voffo berço de confelhos,
Que fãõ mortos criftaes, vivos espelhos.

Para a virtude vós proponho à vifta

O valor foberano

Do primeiro, que em pèrfida conquista

Deu alta gloria ao Sceptro Lufitano,

Pois para honrar os Portuguezes Montes,

Mereceo darlhe Chrifto as cinco Fontes,

Ou Chagas preciofas,

Da noffa eftimação purpureas Rosas:

Este fõ vos bastàra,

Se outros muytos o amor me não lembràra.

Dou-vos para a prudencia a El Rey D. Sancho,

Cujo confelho altivo

Inda em cinzas mortaes existe vivo;

Cujo animofo braço

Deu alma ao duro ferro, & vida ao aço;

Cujo valor profundo

Era affombro do Sol, pavor do mundo,

E com fer tam guerreiro,

Foy fegundo no amor, na paz primeiro.

Dou-vos para a obediencia virtuofa,

No mundo refpeitada,

A fama portentofa,

Sempre em vivas memorias celebrada,

De outro Affonfo, prodigio para a inveja,

Refpeitador do Principe da Igreja,

Que lhe não faltou mais que despojarle,

Como a tuba da fama inda pregoa,
Da Purpura, do Sceptro, & da Coroa.

Para vos despertar o amor, & anello
Da verdadeira gloria,

Trago-vos à memoria
De D. Sancho Capello

O cuydado que teve, & ancia ditosa
De procurar com flamidos aballos

O amor de Deos, & mais dos seus vassallos.
De brandura vos mostro, & de piedade

Hum retrato supremo
Em El Rey D. Diniz, cuja bondade

Neste Reyno passou de extremo a extremo,
Sem que por ser tam grande, fosse omiffa

A's rectas observancias da justiça.
Aqui cabia agora, & era justo,

Se mais possivel fosse à penna minha,
Deste Monarcha augusto

Mostrar o espelho na melhor Rainha;
Porèm como he difficil,

Sò vos lembro entre as mais virtudes nobres,
O grande amor de Deos que teve aos pobres.

Da generosidade
Vos mostro o exemplo eterno a toda idade

De D. Pedro Primeiro,
Do mesmo Sol retrato verdadeiro,

Que não contava o dia,
Em que ao povo mil graças não fazia.

Deste

Deste vos bastaria
 Ler do seu bom governo a docta historia,
 Senaõ fora preciso
 Trazer-vos à memoria
 O soberano aviso,
 Por natureza, & arte,
 Do piedoso, & Catholico Duarte.
 Pois do Africano Affonso affombro quinto
 Se a excellencia vos pintó,
 Para extenso viver, norma luzida,
 Tereis na sua vida,
 Outro vos naõ nomeyo,
 Que deste tem ao mundo o nome cheyo,
 Pois se outros succederaõ,
 Que com alta prudencia governaraõ,
 Em tudo o que fizeraõ
 De Affonso Quinto a imitacãõ tiraraõ,
 Como melhor contemplo
 Em vosso Regio Avò Pedro Segundo,
 Que foy no raro exemplo
 Honra do Sceptro, & resplandor do mundo.
 Mas para que he cansar nestes exames,
 Se seguindo o melhor dos seus dictames,
 Tendes a vosso Pay,
 Que no inclyto sossego
 De todo o Reyno foy ditoso emprego,
 Com cujo alegre nome
 A fama mais além do mundo passa,

Porque he dita de hum Rey nascer com graça.

E deyxando do Sangue estês affombros

Para o Regio poder de Atlantes hombros,

Me day licença, ò Principe galhardo,

Que para obsequiarvos

Chame a Fama, que avise

Quem vosso nascimento solemnize.

Ao Regio Berço venhão,

E nada pelos montes se detenhaõ,

Essas de amante afago nunca escaças,

Graças na perfeição, no nome Graças,

Acalentem o Sol no brando leito,

Com modo alegre, & com gentil respeito,

Cantem-lhe mil amores

Ao som fragrante das purpureas flores;

Mostrem-lhe com mil modos,

Que he proprio a hũ Rey tratar cõ graça a todos:

Não lhes lembrem de Venus

O filho já crecido,

Que he este para Amor melhor Cupido.

Desterrese dos Getas

O choro nos mimosos nascimentos,

Que não parecem lagrimas discretas

As que fazem dos gostos sentimentos.

Diga Volupia, se não julga agora,

(Quando o Sol nasce) sahio o rizo à Aurora.

Com graça peregrina

Entre a Deosa Rumina,

E appli-

E applique-lhe com ancia
 Dos peitos virginaes branda sustancia,
 Com requiebro o adore,
 E afague-o nos seus braços quando chore.
 Entayxe com brandura
 Hebe ao Menino affombro da ternura,
 Moderandolhe o pranto
 Ao compalho festivo, ao doce canto
 De bem sonoro verso,
 No Regio aceyo do dourado berço.
 Venha voando o aligero Sylene,
 O Deos Mercurio digo,
 E para fazer tudo mais folene
 Traga as Musas comfigo;
 Delhe às azas favor o Deos Eòlo,
 Para vir festejar ao novo Apolo;
 Mas primeiro que deça,
 Repique com modellos peregrinos
 Dessa Torre Celeste os doze Signos.
 De Terficore admire
 O ardor alegre, o espirito jucundo,
 Tantos faraos em voffo obsequio inspire,
 Que do excesso se affombre o mesmo mundo,
 Repetindo em cadencias successivas
 A voffo nascimento eternos vivas.
 Diga-vos mil amores
 A Musa que de amor louva os ardores,
 Ensine-vos brandura,

Que he defeito num Rey le a não procura;
 Faça-vos maviOSO,
 Que num Principe he lustre o ser piedoso.

Na creação vos affista
 De Minerva a influencia sempre à vista,
 Doctrine-vos agora,
 Que hum Principe não vive sabio, & justo,
 Se na idade pueril se não melhora.

De Marte a valentia
 Se mude para a vossa galhardia,
 Tam guerreiro sejais, que o mesmo Marte
 A' vossa vista perca a industria, & arte,
 E Belona vos largue o seu diadema,
 O mundo vos respeite, o infiel vos tema,
 De forte que a qualquer leve ameaço,
 Lhe turbe a voz, & lhe desmaye o braço.

Entre o Brifronte Jano,
 E jure-vos no Reyno Lusitano,
 Com respeitos muy graves,
 Principe Soberano,
 E em final disso com razoens suaves,
 Vos entregue da terra, & mar as chaves.

Do Sol foy Perles Nimpha venerada,
 E não fica escusada
 Para entrar no Palacio a cortejarvos,
 Ou ao menos lembrarvos,
 Que se a sua elevada fermosura
 Muytas vezes o põe entre o perigo,

Vós da justiça, com melhor ventura,
Deveis ser extremolamente amigo.

Entre o cego Cupido,
Com settas prevenidas, do amor palmas,
No Camarim luzido,
E renda os coraçõens, fugeite as almas
De quantos forem ver em seus imperios
O novo Sol nascido;
Porèm não, que isto o offende,
Porque elle mais que amor no Berço as rende.

Do cristalino Tejo
As Nimphas celebradas,
Sem turbação nem pejo,
Deixando delle as liquidas moradas,
Nas azas do desejo,
Venhaõ correndo, & tragaõ cuydadofas
Musicas sonorofas,
E com novo modilho
Alegrem primorofas
Da Venus mais preclara o melhor Filho.

Jupiter se desmayer,
Que se em forma de Touro
Robou de Europa o candido thesouro,
Outra melhor Deidade,
Sem disfarces na graça,
Para a render melhor buscarà traça;
Que a quem tanto mereçe,
O mar o estima, a terra lhe obedeçe.

As

As meyas Luas , timbres do Agareno,
 Se do Sol se ennobrecem,
 Bom fora, em quanto existe o Ceo sereno,
 Que em vòs a melhor luz buscar viessem;
 Bom fora que daqui não se expuzessem
 A ver, como eu presumo,
 Chea a terra de fogo, o ar de fumo,
 E da liquida grãa das suas veas,
 Cheyo o undoso cristal, & as prayas cheas.

Prepare o artificioso
 Sceptro do fogo o immortal Vulcano
 Hum Carró soberano,
 Melhor que aquelle que ideou famoso
 Ao Planeta brilhante,
 A quem Neptuno no seu Reyno undoso
 Dà sepulchro de liquido diamante,
 Para que o melhor Sol no berço Infante,
 Nelle depois se veja
 Terror valente da mordaz inveja.

Affim quero, Senhor, como me occorre,
 Que toda a terra o veja, o Ceo o admire,
 E que por vòs suspire
 Quanto o Sceptro comprende
 Do Monarcha que morre,
 Para ser entre lugubres capuzes
 Maravilha do Ceo, Fenix das luzes.

Vivei, vivei, prodigio da ventura,
 Famoso imitador de quantos rayos

Os vossos Ascenden tes
 Em Mavortes enſayos
 Deraõ feliz eſtampa à pedra dura:
 De Daphne a Rama creça
 Não mais que para ornar vossa Cabeça:
 Do Sol parem os Regios resplandores,
 Não mais que para ouvir vossos louvores:
 Defenda vossa vida venturoſa
 Quem faz debil o espirito da Rosa:
 Senhor do mundo todo vos construa
 Quem move o claro resplandor da Lua.

E vòs, ò Portuguezes,
 Da fama celebrados tantas vezes,
 Que em bellicosas lides
 Soubestes usurpar o nome a Alcides,
 Desde hoje para sempre
 Nos do mundo confins mais dilatados,
 Sereis por novo estylo celebrados;
 Desde hoje com respeitoſ muy crecidos,
 Em quanto illustra o Sol sereis temidos,
 E pois que tanto bem hoje vos nace,
 Do peito à boca o vosso affecto passe.

Alentai eſſe espirito gigante,
 Que a ſi ſe faz eterno,
 O vosso amor ſeus lustres hoje cante,
 Mostreſe hoje obsequioſo o ardor Paterno,
 E eſpalhem vossas ancias excessivas
 Belo campo do ar ſem conto os vivas.



